

Por que a Conclusão de que a Vida é Desenhada é Inevitável?

Por **Douglas Axe**

Meu livro recente, [Undeniable](#), torna o caso não apenas que a vida é projetada, mas também que isso é *óbvio* - você não precisa de nenhum treinamento especial para ver. E, no entanto, como acontece com outras verdades óbvias, algumas pessoas preferem negar essa que abraçar completamente as implicações presentes.

Para os ateus negar isso não é surpreendente. Fácil de entender, eles não têm opção. Para os *teístas* negar a afirmação de que a vida é projetada é muito mais intrigante, porque **nada parece forçá-los a adotar essa postura contraintuitiva**.

A maioria das pessoas desse segundo grupo é descrita como *evolucionistas teístas*, na medida em que aceitam a explicação evolucionista padrão de como a Terra passou a ser o lar de todas as coisas vivas que vemos ao nosso redor. Mas, considerando a magnitude das dificuldades que confrontam essa visão padrão, por que eles sustentam isso? Por que eles preferem uma versão oblíqua da ação criativa de Deus - onde a ordem criada nos criou - quando a alternativa mais direta deveria ser muito mais confortável?

Respostas claras têm sido difíceis de encontrar, na minha experiência. É por isso que tive o prazer de entrar em um [extenso diálogo](#) com o evolucionista teísta Hans Vodder. Mesmo que nossa discussão não nos leve a um acordo, minha esperança é que, pelo menos, identifiquemos a causa de nossa discordância.

Um tema recorrente de probabilidade

Até agora, parece que nossas diferenças estão centradas no meu uso de probabilidades para validar nosso senso intuitivo de que certas coisas não podem acontecer por acaso. Citando um [artigo de](#) 2003 de Howard Van Till, Hans disse [anteriormente](#) que argumentos probabilísticos como o meu exigem tipicamente uma série de suposições especiais, nenhuma das quais é realista.

Eu continuo dizendo o oposto: a matemática que valida nossa intuição de design é “extremamente robusta”. Além disso, continuo fornecendo exemplos para demonstrar que meu raciocínio não usa as suposições artificiais com as quais Hans está preocupado.

Aqui está sua resposta mais recente:

Eu deveria ter sido mais claro sobre a minha objeção. Enquanto me preocupo com valores de probabilidade imprecisos, minha maior preocupação está em outro lugar. Especificamente, afirmo que tratar coisas vivas como se fossem objetos combinatórios discretos (discutido no [post anterior](#); daqui em diante, DCOs) é um passo em falso sério, resultando em valores de probabilidade que são irrelevantes para avaliar a evolução. Para entender porquê devemos explorar as implicações dos cálculos baseados em DCO.

Podemos começar perguntando o que significa para um DCO emergir por acaso. Há várias suposições tácitas embutidas em tal avaliação de probabilidade. Primeiro, assumimos que o DCO será um indivíduo completamente formado: nenhum ponto considerando a metade de um DCO, e o DCO existe independentemente de todos os outros. Em segundo lugar, a aparência casual de um DCO é instantânea: sua aparência é um evento sincrônico. Terceiro, cada um dos componentes do DCO é selecionado de uma variedade de alternativas equiprováveis. Em suma, a abordagem do "organismo-como-DCO" implica que os organismos emergem, todos de uma vez, do zero, de uma só vez.

Podemos contrastar isso com as afirmações simplificadas do darwinismo. O quadro evolutivo sugere que os organismos evoluíram de forma gradual e cumulativa como membros de populações maiores. Além disso, afirma que isso aconteceu ao longo de milhões de anos em um processo diacrônico. E em vez de equiprobabilidade, o darwinismo postula um conjunto único de condições iniciais sujeitas a leis e processos naturais. Em resumo, os pressupostos iniciais dos cálculos baseados no DCO e as alegações do darwinismo são tão diferentes, não está claro que tais cálculos nos dizem algo (e muito menos algo definitivo) sobre a evolução, mesmo se a palavra "chance" seja usada em ambos os casos.

Alternativamente, podemos abordar a mesma objeção de um ângulo ligeiramente diferente. Cálculos baseados em DCO seriam mais relevantes se os seres vivos fossem de fato irredutivelmente complexos, como Michael Behe ??argumentou. Como os DCOs, existem coisas irredutivelmente complexas como totalidades de tudo ou nada cujas partes emergem simultaneamente de maneira coordenada. Há pelo menos uma semelhança superficial aqui.

O problema é que, se tivermos que garantir que a complexidade irredutível dos cálculos de probabilidade baseados em DCO seja relevante, então já paramos de falar sobre o darwinismo e sutilmente requeremos a pergunta em favor do Design Inteligente. Assim, parece-me que os cálculos de probabilidade indiscutíveis, não importa quão precisos ou

fantasticamente improváveis, simplesmente não refletem com precisão as chances de sucesso do darwinismo.

Isso me ajuda a ver como você está pensando, Hans. Obrigado!

Você tem idéias sobre as condições requeridas para uma refutação probabilística da evolução naturalista, mas se quisermos fazer mais progressos, eu preciso que você reconsidere o argumento que estou fazendo, sem assumir que ele se encaixa na sua concepção anterior.

De volta à estátua

Nos dois posts anteriores, apliquei o raciocínio em *Undeniable* a uma hipotética estátua esculpida pelo tempo de uma figura humana. Intuitivamente, sabemos que o intemperismo natural não pode fazer esse tipo de coisa; nenhum processo natural não guiado pode fazer o trabalho de um mestre escultor. Ao contrário de suas preocupações, estou afirmando que a matemática que sustenta essa intuição é tão simples e tão robusta que dificilmente pode estar errada.

Como eu coloquei [anteriormente](#):

Um ponto principal do *Undeniable* é que a criação de qualquer coisa que faça algo inteligente requer que muitas partes sejam organizadas de maneira complementar. Tomadas individualmente, é improvável que cada uma dessas partes seja organizada corretamente por acaso, e isso torna a ocorrência acidental de toda a coisa *extraordinariamente* improvável.

A matemática bruta é perfeitamente adequada aqui. As centenas ou milhares de pequenas frações que representam as probabilidades individuais multiplicam-se *inevitavelmente* a uma probabilidade tão pequena que constitui uma impossibilidade absoluta.

Com uma exceção, não assumo nenhuma das coisas que você acha que devo supor, Hans. Considere o seguinte:

1. Eu suponho que há apenas uma maneira de delinear os aspectos de uma estátua? *Não*.
2. Assumo que todos os aspectos da suposta estátua natural (seja qual for a sua maneira de

delineação) devem se formar simultaneamente? *Não.*

3. Assumo uma breve janela de tempo para todos esses aspectos serem formados? *Não.*

4. Assumo que cada aspecto é estritamente independente dos outros em sua formação? *Não.*

5. Eu suponho que há apenas um estado aceitável para cada aspecto? *Não.*

6. Assumo um número discreto de estados alternativos para cada aspecto? *Não.*

7. Eu assumo estados alternativos para cada aspecto deve ser equiprovável? *Não.*

Mantendo a simplicidade

Você está certo de que meu raciocínio se aplica a coisas inteiras (que organismos vivos são claramente). No entanto, o ponto é fazer uma *dedução* sobre como uma coisa toda específica surgiu, o que não é de modo algum o mesmo que fazer *suposições* sobre como ela surgiu.

A abordagem que estou defendendo é muito mais simples do que aquela que você está criticando, Hans. Sem se preocupar com a forma como a coisa em questão surgiu, nós apenas consideramos o que deve estar no lugar para que ela faça o que faz. Nenhuma resposta detalhada é necessária. Tudo o que temos a fazer é *imaginar* a lista de requisitos que constituiriam uma especificação completa - detalhes da forma geral, material ou composição química, estrutura interna, processos químicos ou mecânicos, conectividade e assim por diante. Ao reconhecer que essas condições são restritivas demais para serem atendidas acidentalmente, estabelecemos que causas acidentais não podem ter trazido a "coisa" à existência.

E isso é facilitado pelo fato de que é preciso apenas uma modesta lista de exigências modestamente improváveis ??para que o sucesso esteja além do alcance do acaso. Mais uma vez, o raciocínio aqui é que pequenas frações multiplicadas pelas dúzias sempre resultam em frações *excessivamente pequenas*.

Com relação à estátua humana hipotética, a única saída desta conclusão é argumentar que um afloramento irregular de mármore teria que ser alterado pelo tempo em apenas alguns aspectos razoavelmente prováveis, a fim de convertê-lo em uma obra-prima esculpida. Mas isso é tão claro e comprovadamente falso a ponto de bloquear esse escape decisivamente.

Do mesmo modo, com respeito à alegação de que as causas naturais cegas converteram a vida bacteriana primitiva em carvalhos e avestruzes e orangotangos, a única saída é argumentar que conversões desse tipo requerem apenas algumas alterações razoavelmente prováveis. Mas, novamente, isso é tão claramente e comprovadamente falso a ponto de fechar essa fuga decisivamente.

Procurar por qualquer outra fuga é perder a classe, Hans.

Original: **Douglas Axe**. [Why the Conclusion that Life Is Designed Really Is Inescapable?](#)
December 12, 2018.